

---

## Mulheres Super-Heroínas: Uma Análise da Representação Feminina a Partir do Episódio “Noite das Garotas” em *The Flash*<sup>1</sup>

Yasmin WINTER<sup>2</sup>

Dayane do Carmo BARRETOS<sup>3</sup>

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG.

### Resumo:

As representações femininas nos quadrinhos e em adaptações audiovisuais de histórias de super-heróis e heroínas refletem a dominante visão masculina no meio, porém, as editoras estão se adaptando a novas formas de protagonismo feminino. A fim de discutir essa questão, foi escolhido um episódio da série *The Flash* (CW, 2014), o número 5 da quarta temporada, que tem um enfoque diferenciado em mulheres e suas ações. O apoio teórico se deu, principalmente, em Gubernikoff (2016) sobre a representação feminina no audiovisual, e Dalbeto e Oliveira (2016) sobre as mulheres nos quadrinhos. A partir de aspectos específicos do episódio, foi possível pensar a questão da representação da mulher no meio heróico. Isso, através da análise das incoerências do objeto proposto, já que coloca as mulheres sob uma nova posição, ao mesmo tempo que reforça o feminismo como uma banalidade.

**Palavras-chave:** Representação feminina; Série; *The Flash*; Super-herói; Histórias em quadrinho.

### 1. Introdução

A Era do Ouro dos quadrinhos é inaugurada nos anos da Segunda Guerra Mundial, quando o *Superman* vai às bancas<sup>4</sup>, seguido de heróis patriotas, reflexivos entre o bem e o mal e prontos para salvar o dia. No início dos anos 1940, a *Wonder Woman* é criada em meio a dúvidas de se uma heroína progressista e feminista seria uma boa aposta e, em 1959, surge a *Supergirl*. Até os dias de hoje, as duas marcas pioneiras na criação de super heróis, Marvel e DC, recriam e fazem adaptações em seus personagens para aproximarem, cada vez mais, a fantasia do contexto dos leitores e leitoras, herança da Era de Prata das HQs.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ 04 - Comunicação Audiovisual do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Jornalismo do ICESA – UFOP. E-mail: yasminlwinter@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora substituta no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: dayanebarretos@gmail.com

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://maxiverso.com.br/blog/2016/09/18/os-herois-dos-super-herois-era-de-prata-dos-quadrinhos/>> Acesso em março de 2019.

*Superman*, da DC, foi o pioneiro em 1952 também na televisão, com uma transição tranquila dos programas de rádio, que já aconteciam desde 1940. Já no fim da década de 70, foi a vez da Marvel sair dos quadrinhos, com a série de TV do *Hulk*. A primeira adaptação de super-herói para o cinema foi em 1941, com o desenho animado do *Superman*, seguido pelas adaptações das histórias de *Batman*, *Capitain America* e, mais tarde, outros heróis. Em 2017, estreia o filme da Mulher-Maravilha, a primeira super-heroína a ter uma adaptação solo para o cinema. Em uma onda de séries, os heróis também tiveram suas adaptações. A primeira série de heróis da Marvel é *Agents of S.H.I.E.L.D.*, estreada em 2013. Logo depois, os chamados Defensores tiveram suas séries solo até a junção de todos em uma produção estreada em 2017. Já a DC iniciou suas adaptações para série em 2012, com os personagens: *Arrow*, seguido de *Flash* em 2013 e *Supergirl* e *Legends of Tomorrow* em 2015.

Dentro desse universo de histórias de super herói, o papel das mulheres apresenta particularidades. Elas sempre foram as vítimas dos vilões ou as que carregavam papéis secundários, refletindo a sociedade machista e de mulheres submissas da época em que foram criadas as HQs. Até que a primeira heroína dos quadrinhos, a Mulher-Maravilha, surge em 1940, logo depois que o movimento feminista nos EUA começa a ganhar força e as mulheres conquistaram algumas de suas reivindicações. O *X-Men* foi o primeiro grupo da Marvel Comics a apresentar heroínas com grande destaque e em 1970, as *X-Woman* refletiam as mudanças sociais da época.

Em 2019, temos grandes exemplos de heroínas: Viúva Negra, integrante de *Os Vingadores*, também é cotada para um filme solo, devido ao seu destaque no grupo. Gamora, que aparece no filme ao lado de Viúva Negra, também mostra que não precisa ser salva. Já Mística, de *X-Men* pode se transformar em um humano de qualquer gênero. O protagonismo feminino dos filmes heróicos vem crescendo e as produtoras estão seguindo essa aposta. Os filmes solo da Mulher-Maravilha, em 2017, e da Capitã Marvel, em 2019, são ótimos exemplos, já que foram sucesso de bilheteria e excederam expectativas<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://revistaquem.globo.com/Series-e-filmes/noticia/2019/03/capita-marvel-bate-mulher-maravilha-nas-bilheterias.html>> Acesso em março de 2019.

---

No presente artigo, é proposto pensar, sobre uma perspectiva de gênero, a série que conta a história do herói Flash, identidade secreta, até então de Jay Garrick, que aparece pela primeira vez nos quadrinhos em 1940. O herói foi um dos personagens mais populares da Era de Ouro das HQs. Sua primeira adaptação para TV foi em 1990, mas o programa durou apenas 1 temporada. O herói já teve várias versões diferentes, dependendo da época de recriação, mas todos carregavam um legado em comum. O Flash como identidade secreta do policial forense Barry Allen é a versão que mais repercutiu entre os amantes de HQs. O super-herói pode se mover em uma capacidade sobre-humana, rompendo até com leis da física, como ultrapassar a velocidade da luz e fazer viagens temporais. Quase 60 anos depois de sua criação nas HQs, em outubro de 2014, estreava, no canal televisivo estadunidense CW, *The Flash*. A série recorre a explicações físicas para os eventos aparentemente estranhos e à constante relação com uma cidade de humanos “normais” para contar as histórias do herói.

Dado o panorama geral das HQs de heróis e de como as mulheres eram e são representadas nesse universo, o foco se volta para a série *The Flash* (CW, 2014). Tomando como base a data de conclusão desse artigo, em 2019, a série conta 4 temporadas completas e disponíveis também na Netflix<sup>6</sup> e a temporada de número 5 segue em exibição no canal CW. A série faz parte de um universo específico, composto também por *Arrow*, *Supergirl* e *Legends of Tomorrow*, também disponíveis na Netflix. Esse conjunto possui algumas mulheres, mas tem apenas duas protagonistas: Kara Danvers (Melissa Benoist), a *Supergirl* que tem poderes por ser de outro planeta e Sara Lance (Caity Lotz), a *White Canary*, que não possui poderes, mas um ótimo treinamento em lutas e é líder do grupo *Legends of Tomorrow*. Na série *The Flash*, em especial, apenas 3 mulheres são recorrentes nas primeiras temporadas: A jornalista Iris West (Candice Patton), a delegada Cecile Horton (Danielle Nicolet) e a biomédica e física Caitlin Snow (Danielle Panabaker). Na temporada de número 5, em exibição em 2019, mais uma mulher é incluída entre as personagens recorrentes: a filha de Barry e Iris, a forense Nora West-Allen (Jessica Parker Kennedy).

---

<sup>6</sup> Netflix é um serviço global de streaming com mais de 8 milhões de assinantes em 2018, segundo o jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/01/netflix-tem-recorde-de-assinantes-mas-receita-cresce-menos-que-o-esperado.shtml>>. Acesso em março de 2019.

---

Levando em consideração as informações atuais e históricas elencadas acima, percebe-se a importância de se discutir a questão de gênero no universo dos heróis e heroínas. Foi então escolhido um episódio da série *The Flash* (CW, 2014) para tal. Exibido pela primeira vez no dia 07 de novembro de 2017, *Girls Night Out*, o 5º episódio da temporada, carrega um nome intrigante: em português: Noite das Garotas. Nesse artigo, é proposta, então, uma reflexão em torno de aspectos paradoxais que o episódio apresenta: A maioria das cenas e o foco do episódio é no núcleo feminino da série, ao mesmo tempo que reforçam estereótipos e trabalham de forma superficial o feminismo. Algumas cenas do episódio, então, foram selecionadas para descrição e reflexão acerca dos estudos de gênero no audiovisual, nos quadrinhos e no universo da série *The Flash* (CW, 2014).

## 2. As Mulheres nas Histórias de Heróis e Heroínas

A representação feminina no audiovisual é, em geral, feita pela visão dos homens. E não é preciso ir tão fundo para criar uma hipótese do porquê: os homens sempre dominaram as produções desde a sua concepção. Um relatório<sup>7</sup> divulgado em 2018 pelo Centro de Estudos de Mulheres na TV e no Cinema revelou que, as mulheres ocuparam apenas 18% dos cargos de diretoras, roteiristas, produtoras, produtoras executivas, editoras e diretoras de fotografia entre os 250 filmes mais lucrativos nas bilheterias americanas em 2017.

Gubernikoff (2016) relaciona a representação feminina no cinema a essa maioria de homens, dizendo que as mulheres nas produções são uma “projeção da imagem que [os homens] gostariam [elas] que fossem.” (GUBERNIKOFF, 2016, p. 108). A autora também afirma que o cinema produz imaginação e cria afetividade e significação pelo que está sendo mostrado. Sobre a representação feminina nas produções brasileiras, por exemplo, Gubernikoff diz que:

Pode-se inicialmente ver nos filmes brasileiros um caráter determinista, em função do papel da mulher na sociedade, uma vez que havia um único caminho traçado para ela, destino que somente alguns poucos filmes tentaram subverter. Quando se tenta valorizar a figura feminina, nota-se uma confusão entre sensualidade e

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://womenintvfilm.sdsu.edu/>>. Acesso em março de 2019.

sabedoria. [...] A partir do momento em que a mulher nega o sistema opressor, seu perfil será o de uma mulher neurótica. (GUBERNIKOFF, 2016, p. 82).

Gubernikoff (2016) aborda os aspectos representativos das mulheres no audiovisual de duas formas: primeiro, pela ótica da voz de sujeito negada a elas, a posição em relação ao discurso textual. Em segundo, “o nível do aparato cinematográfico [...] e a relação com o desenvolvimento de uma linguagem específica (posições de câmera, enquadramento, etc.). (Gubernikoff, 2016, p.109).

Ao pensar no universo das histórias em quadrinhos de heróis e heroínas, a representação feminina não se mostra tão diferente do audiovisual. A jornalista Lois Lane, parte da história do Super-homem, apresenta uma certa evolução na caracterização feminina, apesar de sempre precisar ser salva pelo herói. Mas, somente em 1941, com a criação da Mulher-maravilha que “as mulheres passaram a ser representadas como personagens fortes e autossuficientes que não precisavam da ajuda masculina. [...] Seus poderes lhe conferiam incrível força e a capacidade de voar.” (DALBETO e OLIVEIRA, 2016, p. 5). Nos anos 60, Marvel também apresenta super heroínas que se igualam, a nível de importância, ao time masculino: a Mulher Invisível, integrante do Quarteto Fantástico e as integrantes dos X-Men: Garota Marvel e a mutante Tempestade, integrante da nova formação da equipe. Sobre esse momento, que mostra uma tentativa de outra forma de representação, Dalbeto e Oliveira afirmam que:

Os papéis masculinos e femininos diante da sociedade ainda eram muito bem definidos. Logo, apresentar uma personagem mulher, capaz de enfrentar homens e máquinas de guerra com a força do próprio punho, significava quebrar alguns tabus para se impor no meio editorial, que é destinado a consumidores cujo imaginário social era permeado por um posicionamento machista. (DALBETO e OLIVEIRA, 2016, p.5)

Mesmo com esses questionamentos a respeito dos papéis de gênero nas histórias em quadrinhos, é importante pensar que a demanda seguia sendo por um padrão estético e intelectual de feminilidade. Atrelado a isso, é possível reafirmar a proposição de que as produções seguem “escritas e desenhadas por homens, o que limita a construção de uma

---

personagem feminina, por esta ser o olhar do homem sobre a mulher”. (MIRANDA e OLIVEIRA, 2017, p. 11). Além disso, “o processo de produção de um personagem de histórias em quadrinhos é, na verdade, o processo de produção de uma representação, engendrado coletivamente na prática social.” (OLIVEIRA, 2007, p. 141). Não se pode desvencilhar a representação das práticas sociais, mas é possível escolher o que pode, deve e será veiculado, pensando também na influência dessa representação na realidade.

É notável que o protagonismo feminino e as mudanças nas representações de mulheres, agora como heroínas, mudou ao longo do tempo. Isso se deu para acompanhar necessidades sociais, responder questionamentos do público e se colocar como lugar de crítica a um sistema patriarcal e machista que diminuem a posição das mulheres. Partindo disso, é possível pensar que “o feminismo deu alicerce para a criação e adequação de super-heroínas no mundo dos quadrinhos, [...] personagens que quebram com o padrão social e com a fantasia de poder masculina.” (MIRANDA e OLIVEIRA, 2017, p.6). Porém, Gubernikoff (2009) fala sobre o cinema nos anos 60 e lembra de algo importante a respeito das mudanças temporais:

Mesmo com o grande avanço da emancipação feminina, [...] as mulheres do cinema ainda são construídas com base em estereótipos, escondendo-se atrás de um romantismo exagerado sem nenhuma indicação sobre o modo real de sua vida. Simplesmente ignora-se o feminismo no cinema. (GUBERNIKOFF, 2009, p. 9)

A mulher nos filmes de super-heróis está encontrando seu lugar. Ganhando espaço e conquistando cada vez mais fãs. Ainda é preciso refletir sobre representações rasas de mulheres manipuláveis e sexualizadas, incluídas para romantizar a trama. Mas também é possível aplaudir heroínas fortes, auto suficientes e empoderadas, que carregam as demandas atuais de igualdade de gênero e necessidade de identificação.

As adaptações de histórias de super-heroínas para cinema, televisão e séries em plataformas de *streaming* seguem crescendo e algumas merecem destaque para se entender e acompanhar a evolução das representações femininas. Em 1974, estreou o primeiro filme solo da Mulher-Maravilha, que deu origem à primeira série de televisão da heroína, estrelado por

Lynda Carter em 1975. Em 2012, Viúva Negra (Scarlett Johansson) estreia no filme do grupo Vingadores, com papel fundamental na trama. Supergirl tem superforça, a visão de raio-x, capacidade de voar e um filme solo de 1983, além de aparecer na série de TV *Smallville*, interpretada pela atriz Laura Vandervoort, e em 2015 ganhou uma série própria, estrelada por Melissa Benoist. E Jessica Jones (Krysten Ritter), que teve sua série solo em 2015 estreada no serviço de *streaming* Netflix, é vigilante nas ruas de Nova York e foge ao estereótipo da super-heroína, sem uniformes colados e sensuais.

Os lançamentos mais recentes são o da guerreira Diana Prince, a Mulher Maravilha (Gal Gadot), um filme de 2017 dirigido por uma mulher, que se mostra emblemático, já que a protagonista é uma super-heroína que não é mero símbolo sexual. E Capitã Marvel (2019), a super-heroína estrelada por Brie Larson que tem super força, agilidade, velocidade e resistência, além de poder voar e absorver e disparar energia. Além dessas protagonistas, a produção de outras séries e filmes com a temática dos heróis e heroínas também está se mostrando empenhada em incluir mais personagens mulheres para agregar discussões à trama.

Sendo assim, se faz necessária a reflexão acerca da representação das mulheres em histórias de super-heróis e heroínas. Para isso, foi selecionado um episódio da série *The Flash* (CW, 2014), o quinto da quarta temporada. O objeto então, foi assistido cuidadosamente, a fim de se encontrar partes que poderiam ser descritas para enriquecer a discussão. A análise aqui colocada é uma proposta de leitura e interpretação que auxilia na discussão de temas como feminismo e representação das mulheres. A proposta não é um efetivo detalhamento do episódio, mas um movimento de pensar como a trama, que se apresenta como diferente, dialoga com as tensões acerca das mulheres nas histórias de super-herói e com os discursos feministas que circulam a sociedade.

### **3. A Noite das Garotas em *The Flash***

Na série proposta para reflexão no presente artigo, *The Flash* (CW, 2014), as mulheres não são maioria do elenco, mas têm sua importância. A produção se relaciona com

---

outras três histórias que possuem a mesma temporalidade: *Arrow* (CW, 2012), *Supergirl* (CW, 2015) e *Legends of Tomorrow* (CW, 2016), que também estão disponíveis na Netflix. O universo apresenta poucas mulheres e apenas duas protagonistas, Kara Danvers (Melissa Benoist), a *Supergirl* que tem poderes por ser de outro planeta e Sara Lance (Caity Lotz), a *White Canary*, que apresenta um ótimo treinamento em lutas e é líder do grupo *Legends of Tomorrow*.

Assim, então, ter uma “Noite de Garotas” seria uma ótima ideia! Se a ideia era manter o foco nas mulheres, como o próprio nome sugeriu, isso pode realmente ter ocorrido, já que a “noite dos homens” teve cenas pequenas e esporádicas. Ao mesmo tempo, alguns discursos se perpetuam e o tema do feminismo é abordado de forma superficial. O interessante é pensar que duas mulheres, Lauren Certo e Kristen Kim, roteirizaram o episódio e uma delas, Lauren, o dirigiu.

A 4ª temporada de *The Flash*, estreada em 2017, começa trazendo uma nova expectativa. Diferente de todos os episódios até aqui, nos quais Barry Allen começa em off se apresentando, em 4x01, Iris West (Candice Patton), jornalista que cresceu com ele e agora mantém uma relação afetiva, é quem comanda a apresentação inicial: “Meu nome é Iris West”. E apresentação continua: “e eu deveria estar casada com o homem mais rápido do mundo, mas há 6 meses, ele foi embora.” Neste mesmo episódio, o herói é resgatado de onde estava, uma espécie de dimensão paralela, e o offs iniciais se voltam ao que sempre foram, a apresentação de Barry Allen como Flash.

O episódio *Girls Night Out*, foi exibido pela primeira vez em 07 de novembro de 2017, é o 5º episódio da 4ª temporada e carrega um nome que indica a perspectiva intrigante do episódio: em português, Noite das Garotas. Próximos de se casarem, Iris e Barry terão suas despedidas de solteiro. Na separação clichê, de um lado estão: a jornalista e futura noiva Iris West (Candice Patton), a delegada Cecile Horton (Danielle Nicolet), Caitlin Snow (Danielle Panabaker), biomédica, física com dois pós-doutorados e seus poderes de meta-humana<sup>8</sup> recém descobertos, além de Felicity Smoak (Emily Bett Rickards), uma

---

<sup>8</sup> Do universo da DC Comics: Também chamados apenas de *meta*, são pessoas que foram atingidas por uma matéria química negra e possuem superpoderes.



matemática espetacular, que vem da cidade vizinha, Star City, emprestada da série *Arrow* para o jantar, já denunciando a falta de mulheres em *The Flash*. Já do outro lado, estão presentes: o noivo Barry Allen (Grant Gustin), seu melhor amigo, cientista e também recém descoberto com poderes meta-humanos, Cisco Ramon (Carlos Valdes), o policial Joe West (Jesse L. Martin), o cientista Harry Wells (Tom Cavanagh) e o detetive particular e mais novo meta-humano a integrar o time, Ralph Dibny (Hartley Sawyer).

De forma simples, o episódio se desenrola em dois vieses. De certa forma em segundo plano, mesmo que a proposta inicial tenha sido uma “noite nerd” na casa de Joe, os homens vão para um clube de *strip-tease*, ficam bêbados e acabam presos falando sobre desilusões da vida, inclusive a insegurança de Joe ao ser pai novamente, agora quase aos 50. Já as mulheres protagonizam o episódio, que traz elementos como os superpoderes de Caitlin Snow como *Killer Frost* vindo à tona, a inteligência de Felicity Smoak, a liderança de Iris West, o carisma de Cecile Horton e elas, juntas, salvando o dia contra uma vilã que controla um certo tipo de aço. Mesmo com esses elementos que dão destaque ao núcleo feminino da série, há controvérsias. Foram pensadas algumas cenas que poderiam auxiliar na reflexão de como esse possível protagonismo se dá e se a tentativa de empoderamento das personagens realmente aconteceu.

Logo no início do episódio, já se apresenta como será a “noite das garotas”: um jantar calmo em um restaurante discreto, elegante e clássico. Nada fora do clichê, o assunto entre as garotas é a vida corrida que a noiva tem, já que seu futuro marido é um super-herói, o possível casamento de Felicity e a gravidez recém-descoberta de Cecile. Ao mesmo tempo que é possível pensar nessa escolha de evento pela personalidade das personagens, também é importante perceber que só reforça que o que está reservado para as mulheres seja sempre o romantismo calmo e comportado em vestidos e saias, maquiagem.

No restaurante, tudo comum entre elas, até aparecer um homem já conhecido do passado de Snow. Ele é uma espécie de homem de recados, ajudante e totalmente submisso à vilã do episódio, também com poderes, chefe de uma organização criminosa, Amunet Black (Katee Sackhoff). Cumprindo ordens de Black, o homem precisa levar Caitlin, em sua personalidade com poderes, conhecida como *Killer Frost*. Para isso e contra a vontade da

garota, ele mostra seu poder: uma espécie de serpente sai de um de seus olhos. Felicity inicia uma cena no mínimo patética: Tenta bater no homem utilizando cadeiras. E Iris a segue, utilizando uma bandeja. Com todas as mulheres caídas no chão e com medo, Catlin precisa assumir seu posto de “única que pode acabar com aquilo” e se torna *Killer Frost*, sua recém descoberta personalidade com poderes, ainda com pouco conhecimento para ser controlada. Aqui, é importante pensar que não é necessário ter poderes para salvar o dia. A série *Arrow* pode comprovar isso em todos os episódios, nos quais vilões, vilãs, heróis e heroínas possuem apenas bons treinamentos de luta e armas. Mas somente umas das convidadas do jantar foi capaz de desarmar o homem de recados: a que pode recorrer a poderes.

Em outra cena, acontece algo que pode-se chamar de intrigante: nada prontas para encarar o que possivelmente vem pela frente, ou seja, a vilã já conhecida do passado de Caitlin Snow e sua personalidade meta *Killer Frost*, as mulheres tentam se comunicar com os núcleo masculino, (que são 3 metas, um policial e um cientista). Como eles estão no clube de *strip*, onde não se pode entrar com celular, as garotas não têm sucesso. Aí então, mais uma parte importante do episódio (roteirizado por duas mulheres, vale lembrar): as meninas precisam se virar sem ajuda, já que não conseguem falar com eles. A partir daí, se descobrem sozinhas e sem poderes, exceto por *Frost*, para encararem a vilã Amunet e é seguindo esse raciocínio que o episódio se desenrola, principalmente.

Ao mesmo tempo em que as cenas descritas acima demonstram um desconhecimento acerca das discussões feministas pela produção da série, o episódio não apresentou só falhas sobre o tema. Quando *Killer Frost* vai a um bar para encontrar a vilã Black, um homem a toca. Sem pestanejar, ela segura sua mão e, com seu poder de congelar, é exatamente isso que acontece. A fala seguinte é uma referência à cultura do estupro e à importância de não se fazer nada sem consentimento: “Me desculpe, achei que tocar sem pedir era o que queria” e ele perde a mão congelada.

Como mais uma indicação positiva, o episódio conseguiu resgatar um pouco da essência do movimento feminista em uma cena no clube de *strip-tease*. A personagem Joanie (Riley Jade Berglund) é questionada sobre o porquê de ser dançarina no local e explica que faz parte do processo para escrever seu livro sobre feminismo. Ela responde: “Porque

vivemos em uma sociedade ditada pelo olhar masculino. [...] Quero mostrar para o mundo que uma mulher poderosa e forte pode vestir qualquer coisa. Um biquíni ou um terninho”.

Além disso, se lá no início, apenas *Killer Frost* pôde resolver o problema por ter poderes, no final, foi diferente. Quando apenas Felicity, Iris e Cecile saem para ir atrás de Amunet, são pegas pelos ajudantes da vilã. Então, *Frost* chega para salvar o dia, mas, felizmente, elas só conseguem derrotar a mulher agindo em conjunto e provando que, com os poderes sim, mas também com inteligência e se apoiando, as mulheres são fortes, mais que o suficiente, para fazer o que quiserem.

#### 4. Considerações Finais

A visão masculina dos homens sempre regeu as representações femininas nos quadrinhos e adaptações audiovisuais de histórias de super-heróis. Como os homens dominam o processo de pré e produção, sempre foi reservado às mulheres um certo padrão estético e intelectual. Porém, as representações nas histórias também atendem a uma certa demanda social, da qual não podem ser desvinculadas. Por isso, é possível perceber que as produtoras estão se reinventando para se adequarem aos novos pensamentos e às questões contemporâneas.

A série *The Flash* (CW, 2014) faz parte de um universo com apenas duas protagonistas e apresenta 4 mulheres como personagens recorrentes em sua quarta temporada. Ao pensar o episódio *Noite das Garotas*, foi possível refletir um pouco mais sobre como as mulheres são representadas no audiovisual, e histórias em geral, de heróis e heroínas. Um episódio que foca nelas como protagonistas, mas ao mesmo tempo, apresenta o feminismo como uma questão trivial.

Em uma visão geral, o episódio foi pioneiro na história de *Killer Frost*, uma mulher, super heroína, que começa a aparecer como personagem recorrente a partir dele. Além disso, tirou as mulheres de *The Flash* de um plano secundário, colocando-as em ação e não como apoio. Porém, simultaneamente, em algumas cenas o movimento feminista foi apresentado

como banal, corriqueiro e detentor de discussões vazias. Isso auxilia na discussão da importância de se pensar a representação da mulher sob a ótica masculina, mas também reforça como é necessário refletir sobre as mulheres no audiovisual, não só em histórias de heróis e heroínas.

É importante salientar que esse trabalho não dá resultados definitivos, mas auxilia na discussão temporal do assunto com base em tal episódio desta série específica. Isso, porque o universo dos quadrinhos e as discussões feministas apresentam diversos caminhos a se considerar e adaptações constantes que continuam contribuindo para o desenvolvimentos de estudos e reflexão nessas áreas.

### Referências bibliográficas

**As super-heroínas na TV e no cinema**, Veja, São Paulo, jun. 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/especiais/as-super-heroínas-na-tv-e-no-cinema/>>. Acesso em 25 mar. 2019.

**‘Capitã Marvel’ bate ‘Mulher-Maravilha’ nas bilheterias**. Quem Online. Rio de Janeiro, mar. 2019. Disponível em: <<https://revistaquem.globo.com/Series-e-filmes/noticia/2019/03/capita-marvel-bate-mulher-maravilha-nas-bilheterias.html>>. Acesso em 25 mar. 2019.

**Como os Super-heróis nasceram**. Super Interessante, São Paulo, fev. 2013. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/comportamento/como-os-super-herois-nasceram/>>. Acesso em 25 mar. 2019

DALBETO, Lucas do Carmo; OLIVEIRA, Ana Paula. **Como Uma Deusa: considerações acerca da representação da mulher negra nas HQs de super aventura**. Porto Alegre: Intertexto, UFRGS, n. 35, p. 97-118, jan./abr. 2016.

GUBERNIKOFF, Giselle. **Cinema, identidade e feminismo**. São Paulo: Editora Pontocom, 2016.

GUBERNIKOFF, Giselle. **A imagem: representação da mulher no cinema**. Caxias do Sul: Conexão - Comunicação e Cultura, UCS, v. 8, n. 15, p. 65-77, jan./jun. 2009.

MIRANDA, Beatriz; OLIVEIRA, Otoniel Lopes de. Protagonismo feminino nos quadrinhos: Representação, feminismo e super-heróis. In: **Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos**. São Paulo, 2017.

OLIVEIRA, Selma Regina Nunes. **Mulher ao quadrado. As representações femininas nos quadrinhos norte-americanos: permanências e ressonâncias**. Brasília: UNB, 2007.

**Os Heróis dos Super Heróis: A Era de Prata dos Quadrinhos**. Maxiverso, São Paulo, set. 2016. Disponível em: <http://maxiverso.com.br/blog/2016/09/18/os-herois-dos-super-herois-era-de-prata-dos-quadrinhos/>. Acesso em março de 2019.

Women Film Directors Then and Now, **The Center for the Study of Women in Television and Film**, San Diego, 2017. Disponível em: <https://womenintvfilm.sdsu.edu/>. Acesso em março de 2019.

### **Referências audiovisuais**

**THE FLASH**. Criação: Greg Berlantini, Geoff Johns e Andrew Kreisberg. Burbank: CW, 2014. 5 temporadas em Streaming.